

Rebentos e expostos da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, da cidade do Natal (1753-1795)

Newborns and exposed children at Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação in the city of Natal (1753-1795)

Thiago do Nascimento Torres de Paula
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

O abandono de crianças recém-nascidas na História da humanidade é uma constante. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar à comunidade de pesquisadores, o quadro do abandono de recém-nascidos na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, espaço esse que correspondeu à cidade do Natal e regiões vizinhas na segunda metade do século XVIII. Metodologicamente, utilizamos referenciais da História Social e da História Demográfica para construirmos um conjunto de tabelas, que nos permitiram conhecer as características do abandono no espaço já mencionado. Teoricamente, iluminamos nossa pesquisa com referenciais da História do cotidiano, possibilitando, assim, uma melhor compreensão daqueles microprotagonistas do passado.

Palavras-chaves: Crianças. História. Espaço.

Abstract

The abandonment of newborns in the history of humanity is a continuous process. Thus, this work aims to present to the scientific community the map of abandonment of newborns current at Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação. This space corresponded to the city of Natal and adjacent neighborhoods- in the state of Rio Grande do Norte in Brazil- at the second half of the seventeenth century. The methodology used was composed by references taken from Social and Demographic History. This was done in order to built a set of data tables that permit the acknowledgement of the characteristics mentioned above. The research was based on theory gathered from the History of the place's quotidian, which allows better understanding about those micro protagonists that belongs to the past.

Keywords: Children. History. Space.



Investigações têm revelado que alguns domínios da História Social adentram com mais intensidade na história da criança abandonada aqui e alhures. O abandono de crianças como um fenômeno constante em diferentes lugares e épocas, por distintas circunstâncias e motivos pessoais, sociais e políticos.

O pensador, filósofo e preceptor Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) casado com Thérèse Lavasseur, com a qual teve cinco filhos, todos foram por ele colocados na Roda dos Expostos de um asilo de enjeitados, ato infeliz justificado para poder criá-los e educá-los por si só.

Nesse mesmo século em que Rousseau abandonou os filhos na Roda dos Expostos, na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, de Natal foi registrado o seguinte caso de abandono:

Aos 4 de maio de 1761, na capela de Santo Antonio do Potengi foi batizada uma menina, pelo padre que realizou o sacramento e redigiu o batistério. Essa menina seria uma suposta filha ilegítima da viúva Maria José, esposa do colono Antonio Soarez, com o licenciado João José Ferreyra, cirurgião da cidade do Natal, natural da cidade do Porto (Portugal). Possivelmente, tal informação sobre a origem da criança deve ter sido passada pelos próprios padrinhos, já que a pequenina era uma exposta [um recém-nascido enjeitado], que havia sido abandonada na casa de Dona Tereza de Jesus da Rocha, mulher pobre e natural da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação. (PAULA, 2006, p. 200).

Naquele dia (4 de maio), a menina enjeitada recebeu como padrinhos, Tereza de Jesus da Rocha e, provavelmente, com o convite da colona, o Capitão Antonio Vaz de Oliveira, homem casado. Assim, a enjeitada recebeu o nome da madrinha Tereza. (ASSENTOS DE BATISMO, 1753-1795).

Por sua vez, a partir do levantamento de Assentos de Batismos do século XVIII, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), foi possível obter algum dado sobre a existência de filhos ilegítimos na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação. Portanto, com base em Assentos de Batismo, o historiador pode coligir dados e chegar a um percentual sobre o abandono de recém-nascidos. Em Natal, arrolamos um índice 19,8% de filhos ilegítimos frente a 3,9% de abandonados, demonstrando,

assim, que eram muitos os rebentos frutos de relações consideradas ilegais ou irregulares pela Igreja Católica da época. (PAULA, 2006).

Pelo menos, desde o ano de 2003, tenho me dedicado a levantar no IHGRN um corpus documental específico relacionado à criança em si e a forma de seu abandono no período colonial. Hoje, quase especialista na leitura paleográfica das fontes abaixo discriminadas:

Assentos de Batismo, Assentos de Óbito, Termos de Vereação e Livros de Tombo do século XVIII relativas à Capitania do Rio Grande do Norte. Nisso reside a articulação entre a minha prática com o arquivo – no caso do IHGRN – e minha prática de pesquisa em fontes paroquiais.

Localizar, ler e interpretar esse *corpus* documental, enquanto parte de um ordenamento jurídico e social do regime colonial, exprime o entendimento de uma tradição e de suas inter-relações com outros costumes criados ou inventados pela humanidade, que se tornaram universais. Intente-se aqui fazer um relato histórico do abandono de crianças recém-nascidas, na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, no período de 1753-1795.

O trabalho utiliza Assentos de Batismo, selecionados a partir de dois critérios: o recorte temporal, já que a documentação da segunda metade do século XVIII é majoritariamente de natureza quantitativa, quanto qualitativa; a exclusão de Assentos de cativos, pois procuramos analisar crianças que nasceram juridicamente livres, não importando sua etnia. É o caso do pequerrucho Domingos filho legítimo de Josê Pereyra índio, e de Francisca Pereyra, naturais da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, e do pequeno Manoel filho de Domingos Pinto escravo do Alferes Domingos João Campos, e de sua mulher Izabel de Moraes forra, naturais também da dita freguesia. (ASSENTOS DE BATISMO, 1763-1765). Pois, “[...] segundo a tradição do direito romano, toda criança abandonada era livre. Em 1775, a legislação portuguesa reafirmou tal determinação, atribuindo aos expostos a prerrogativa da ingenuidade, ou seja o filho da escrava, uma vez enjeitado, era considerado livre do cativoiro [...]” (VENÂNCIO, 1999, p. 131).

A documentação de uma maneira geral apresenta macro e micro lacunas. As macros são espaços vazios de dados de alguns anos como 1753-1757; 1760-1765; 1768-1777 e 1786-1795. Enquanto as micros são folhas que se perderam com o passar do tempo, representando vazios de dias ou meses. Na generalidade, Assentos de Batismos apresentam uma



fórmula que varia de acordo com o nível de instrução do padre da Freguesia que o redigiam, ou com a posição social do recém-nascido, que estava recebendo os santos óleos. (CARDOSO, 1983).

Portanto, os documentos apresentam condições de conservação variada. Em algumas vezes, as primeiras laudas de cada "livro" tiveram a função de escudo para as outras laudas, protegendo-as dos impactos do tempo e apresentando-se bastante desgastadas. De todo modo, sabe-se que não é uma regra geral, pois, no interior de alguns "livros", existem laudas deterioradas, borradas, quase apagadas; outras que estão impróprias para o manuseio tendo em vista o avançado estado de desgaste; algumas encontram-se bem conservadas com letras legíveis e de fácil leitura. Salientamos que todos os documentos do período estudado encontram-se corroídos por traças. Um exemplo de documentação "bem conservada" é o "livro" que corresponde à década de 1750 e de má conservação são os da década de 1760 e uns poucos outros, em anos posteriores.

De uma maneira geral, os documentos da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, "alinham-se" ao conjunto documental de outras localidades da América Portuguesa. Julita Scarano (1994) menciona que as fontes para região de Minas Gerais, muitas se perderam, dispersaram ou se tornaram ilegíveis, por diversas razões, e isso é claramente notado nos Assentos locais de Batismo.

Nos Assentos de Batismo, levantamos os seguintes dados: o nome da criança e sua condição (legítimo, ilegítimo, ilegítimo de pai incógnito, ilegítimo com os nomes dos pais, ilegítimo só com o nome do pai ou exposto); nomes dos pais, condição matrimonial e suas respectivas nacionalidades; nomes dos avós paternos e maternos, suas condições matrimoniais e suas respectivas nacionalidades, e se eram vivos; data de nascimento; data e local do batismo, do sacramento caso tenha ocorrido em casa; nome do padre que batizou, e o nome do vigário responsável pela matriz; nome dos padrinhos e suas condições matrimoniais, onde moravam e se eram fregueses. Era freguês "[...] o assíduo, o freqüentador habitual, o costumeiro assistente, embora não popular, traduzia literalmente a presença fiel do cristão aos ofícios de sua capela ou igreja rural." (CASCUDO, 1992, p. 10).

Os Assentos Batismo revelam uma comunidade formada pelos mais variados moradores: militares de todas as patentes, funcionários da admi-

nistração real, membros Igreja, escravos africanos, escravos nascidos na Freguesia, escravos que foram padrinhos de crianças nascidas livres, índios, pessoas forras, viúvas, mulheres proprietárias de escravos, mulheres que chefiavam os seus domicílios, mulheres solteiras que pariam seus filhos e os batizavam sem pai, crianças expostas, homens e mulheres que foram expostos quando crianças. Em alguns poucos casos, aparecem profissionais como cirurgiões e professores.

Ressaltamos que crianças batizadas na Freguesia não tinham sobrenome, os sobrenomes das mulheres geralmente não correspondiam aos de seus cônjuges. Já que na colônia “[...] não havia qualquer tradição, ou mesmo norma, para transmissão do nome de família.” (MARCILIO, 1986, p. 204).

Os rebentos

Investigando meticulosamente e de forma sistemática os Assentos Batismo, encontramos em meio aos milhares deles, rebentos que estiveram “envolvidos” nas situações mais atípicas do cotidiano daquela Freguesia. Um desses casos, foi o batismo das irmãs gêmeas em horários diferentes do dia 7 de janeiro de 1774: Florencia e Feliciano, netas paterna de uma mulher que nasceu em uma viagem marítima vindo para a colônia na América. Nascidas as pequenas, “mobilizaram” três sacerdotes em seus batismos imediatos, demonstrando que o nascimento de gêmeos sempre podia ser problemático; o batismo de uma delas em casa pode claramente nos revelar urgência na administração do sacramento

Florencia, e Feliciano filhas legítimas de Antonio Nunes Barbosa, e de Florência Beserra da Costa neta por parte paterna de Manoel Nunes Coelho natural da cidade Braga, e de Brisida Barbosa da Assunção, *a qual nasceu no mar vindo para Pernambuco*, e pela materna do Tenente Jose Barbosa Govea natural da cidade da Paraíba freguesia de Nossa Senhora das Neves nasceram aos dezasseis de Dezembro do anno de mil Setecentos, e Setenta, e tres, e foram batizadas Felicia em casa por necessidade pelo *Padre coadjutor Bonifacio da Rocha Vieira*, o qual lhe pos os Santos oleos nesta Matris de Licença minha aos sete de Janeiro do anno de mil Setecentos, e Setenta e quatro; e Florência neste



mesmo dia foi batizada por mim digo pelo *Padre Miguel Pinheiro Teixeira* de Licença minha com os Santos oleos nesta *Matris*, e eu fui o *seo Padrinho*, de que mandei Lançar este assento, em que me asiney. Pataleão da Costa de Araujo / Vigario do Rio grande. (ASSENTO DE BATISMO, 1774, fl. 73v, Grifo nosso).

Na segunda metade do século XVIII, eram raríssimos partos de crianças gêmeas na Freguesia. A historiadora Mary Del Priore (1993) nos fornece embasamento histórico para enfatizarmos o batismo das ditas irmãs na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação. Segundo a historiadora, as crianças gêmeas eram observadas como uma espécie de monstros que tinham conquistado a normalidade. Porém, ela questiona o caso dos xifópagos, vistos como frutos de feitiços ou coitos desordenados. Além do mais, o parto dessas crianças era temido pelas parteiras, comadres e doutores, já que colocava em risco a vida tanto da mãe quanto a dos recém-nascidos. Foi o caso de Felicia, batizada em casa. (DEL PRIORE, 1993).

Um outro caso que nos despertou atenção nos Assentos pesquisados foi o descaso do padre Joam Tavares Fonceca, quando redigiu o batismo de Francisco, incluindo, as naturalidades não vieram no assento, portanto, declarava essa asneira, por não poder adivinhar.

Francisco filho legítimo de Manoel Ribeiro de Sã, e de Rita Maria do Espirito Santo cujas naturalidades nam vieram no assento neto por parte paterna de Antonio Ribeiro de Sã, e de Geraldo de Brito e Maria Marta de Sousa e Rosa Maria de Almeida / e declaro que escrevi esta asneira porque o Padre Joam Tavares a Sim amandoa, e eu nam Posso adivinhar / nasceo aos desoito de Mayo do anno de mil Setecentos e Setenta e hum, e foi batisado de Licença minha nos Trinta do dito mes, e anno pelo Padre Joam Tavares da Fonceca, que tambem nam declarou Se lhe pos os Santos oleos: foram padrinhos o Capitão João de Moura, e Sua mulher Dona Joana de Mello e Andrada, de que mandei Lançar este assento, em que me assinei. Pantaleão da Costa de Araújo / Vigario do Rio grande. (ASSENTO DE BATISMO, 1771, fl. 12v, grifo nosso).

O antropólogo – historiador Luiz Mott (1997) – revela que em suas pesquisas no mundo cotidiano da América portuguesa havia uma gama de sacerdotes totalmente descomprometidos com suas obrigações clericais. E

isso, talvez, não seria diferente na Capitania do Rio Grande do Norte, terras de Nossa Senhora da Apresentação.

O vigário da Igreja matriz, Pantaleão da Costa de Araujo, que foi apresentado pelo Visitador representante do bispo de Olinda como um homem reto e bom pastor (PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA DA APRESENTAÇÃO, 1725–1890), mas se sentiu importunado ao tomar conhecimento das condições nas quais se realizaram o batizado da rebenta Marianna: os padrinhos do mesmo sexo. Isso, mais ou menos cinco anos antes do batismo do pequeno Francisco. Vejamos:

Marianna filha legitima de Antonio Teyxeira Coelho, e de Valeria Ferreyra naturais desta freguesia, neta por parte paterna de Antonio Teyxeira Coelho natural das partes de Portugal, e de Ignacia de Abreo desta freguesia pela materna do Thenente Francisco de Souza Oliveyra, e de Tecla Rodrigues Pinheyro naturais desta freguesia foi bautizada nesta freguesia com os Sanctos oleos de Licença do Reverendo Vigario de Extremoz Antonio de Souza Magalhães aos vinte, e sette de Janeyro de mil Settecentos, e secenta, e sinco pelo Padre Miguel Pinheyro Teyxeira, e não vinha expressado o dia do nascimento. Forão Padrinhos o Thenente Francisco Pinheyro Teyxeira homem casado, e Antonio Jose de Souza filho do Thenente Francisco de Sousa Oliveyra, *os quais padrinhos ambos do mesmo sexo he contra o disposto nos concilios, e constituição, e o forão por eu não saber nem assistir ao batizado, do que fis este assento, e mandei, que se – remetesse certidão ao seo Reverendo Parocho, e me – assinei por verdade.* Pantaleão da Costa de Araujo / Vigario do Rio grande. (ASSENTO DE BATISMO, 1765, fl. 22v, grifo nosso).

Portanto, a rebenta Marianna tem como padrinho o tio, Antonio Jose de Souza, irmão de sua mãe. Dessa maneira, a pequenina foi vítima de um acontecimento impossível para mentalidade católica da segunda metade do século XVIII. Um batizado que foi realizado com dois padrinhos do mesmo sexo, com a autorização do vigário de uma outra freguesia.

Nessas situações inusitadas e também protegidos pela “Virgem da Apresentação”, a fórmula e a própria redação dos Assentos de Batismo podem ser um indicativo que revelava o grau de importância social de algumas crianças que nasciam. E isso é possível observar nos seguintes casos que foram selecionados para dar dimensão concreta a essa situação: o Assento



de Batismo do filho do Sargento-mor Ignácio Francisco da Silva Botelho e de Anna Paula Francisca de Jesus contém 24 linhas de redação; o Assento do filho da escrava Isidoria propriedade do Alferes Antonio Câmara, contém 20 linhas; o Assento da filha de Rosa Maria solteira, neta de Duarte da Rocha e de sua mulher Maria Pinheiro sendo todos eles índios, contém 11 linhas; o Assento da filha de Sebastião José, pardo e de Ana Maria, parda, contém 6 linhas e o Assento de um exposto deixado em casa de João da Silva contém 3 linhas, praticamente. (ASSENTOS DE BATISMO, 1753-1795). Logicamente, essas situações não representam uma lei ou uma regra geral, pois existem Assentos de Batismo de filhos de militares de maiores patentes e em casos de escravos com uma redação mais objetiva, como também há Assentos de expostos bastante ricos em dados familiares.

Esse último caso foi de um exposto deixado em casa de João da Silva, que também recebeu o nome de João no ato do batismo. A redação mínima do documento que comprova a salvação da alma do pequeno enjeitado, ratifica o raciocínio de Venâncio, quando comenta, “[...] não é exagero afirmar que os abandonados eram os mais pobres entre os pobres. Eles ocupavam o último nível da hierarquia social.” (VENÂNCIO, 2002a, p. 216).

O sintético documento de batismo de João, exposto, provavelmente, poderia estar também relacionado à própria posição social do chefe do domicílio onde o recém-nascido foi abandonado. Em 1789, basicamente, treze anos após o abandono do recém-nascido, o colono João da Silva foi condenado pelo Senado da Câmara da cidade do Natal junto com mais quatro homens. Todos eles, inclusive o dito João, considerados pelos Camaristas (vereadores) como, “[...] mansos, pobres, e impropriedados.” (TERMO DE VERAÇÃO, 1789, fl. 113 v).

O pequeno enjeitado de nome João fez parte de um conjunto composto por um número de dezenas e dezenas de outras crianças, ou meninos e meninas recém-nascidos, que foram abandonados na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação no decorrer da segunda metade do século XVIII, parte da vida social dos colonos que residiam na cidade do Natal e nas suas áreas circunvizinhas. Vida social que não só se revelava na documentação da Igreja Católica, mas também nos documentos produzidos no Senado da Câmara.

Os Termos de Vereação redigidos pelos camaristas, permitem saber da existência de uma série de funcionários da burocracia portuguesa, que, na Freguesia, eram na sua maioria militares. Também havia aquelas pessoas que “circulavam” pela cidade do Natal e no espaço circunscrito da Freguesia envolvidos certamente em algum tipo de “prestação de serviços” e, eram eles: ferreiros; carapinas; sapateiros; alfaiates e pedreiros, todos eles participando da vida cotidiana da comunidade. (TERMO DE VEREAÇÃO, 1737-1802).

Se a vida cotidiana é a vida de todo homem, em que todos a vivem sem, exceção, qualquer que seja sua função na divisão de trabalho, como afirma Agnes Heller,

[...] o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias [...]. (HELLER, 1992, p. 17).

Pensando a história do cotidiano em um momento bem posterior a filósofa Heller, a historiadora Del Priore (1997) diz que não é suficiente aceitar que a História é a história de uma longa exploração do homem pelo homem sem tentar entender o que isso realmente significou para os explorados ou para excluídos.

Por nossa investigação, concentrada necessariamente na segunda metade do século XVIII, foi possível encontrar nos Assentos de Óbito da Igreja matriz o caso de um homem chamado José que morreu em 10 de novembro de 1761, com a idade de 68 anos “pouco mais ou menos”. O que chamou a atenção é que o defunto quando recém-nascido foi exposto em casa de Francisca de Tal, que, na época, era moradora no rio Potengi, dessa Freguesia. (ASSENTO DE ÓBITO, 1760-1800). Prontamente, esse fato nos garante a existência dessas criaturas enfeitadas na comunidade desde o final do século XVII, mais “precisamente” o ano de 1693.

Certamente, o abandono do pequeno José no final da segunda metade do século XVII ocorreu em um momento “singular”. Para Francisco Carlos Teixeira da Silva (2002) foi um período de fome e penúria na colônia. Tempo de inseguranças na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, foi um tempo para os moradores da cidade do Natal e redondezas, pelos conflitos entre colonos e indígenas. (LOPES, 2003).



Portanto, o local onde José foi enjeitado e a pessoa que supostamente o recolheu, são dados históricos relevantes para prenunciar os traços do abandono de recém-nascidos que se tornou comum nessa Freguesia.

Traços do abandono

Partindo de um conjunto de tabelas por nós construídas a partir de pesquisas empíricas nas fontes quantitativas de batismos, apresentamos não somente a existência dos expostos, mas sobretudo os números do abandono de crianças recém-nascidas.

Começando pela tabela 1, levantamos o número de mães ou pais, que abandonaram seus filhos nas terras da Freguesia Nossa Senhora da Apresentação. Assim sendo em toda a segunda metade do século XVIII foi possível contabilizar dois mil e cem recém-nascidos batizados, dos quais oitenta e dois eram expostos. O índice baixo de pequenos abandonados correspondeu a 3,9%. Consideramos uma porcentagem pequena quando comparamos com outras localidades da América Portuguesa.

Na segunda metade dos anos setecentistas no meio urbano das cidades de Minas Gerais, o abandono de recém-nascidos chegava a 10% das crianças batizadas, atingindo freqüência que oscilavam entre 20% e 25% nas regiões portuárias como Salvador e Rio de Janeiro. (VENÂNCIO, 2002 a).

183

Tabela 1 – Índice do abandono de crianças na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação

Batismo de livres	Batismo de expostos	Número relativo de expostos
2100	82	3,9 %

Fonte – Assentos de Batismo (1753-1795)

Para Mello e Souza (1999, p. 58), as “[...] zonas urbanas expulsam mais as crianças do que zonas rurais, onde as transformações lentas e as solidariedades mais acentuadas propiciavam melhor recepção aos enjeitados.” Sendo a Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação localizada

em uma Capitania periférica, economicamente a pequena freqüência da prática de abandono de pequeninos, pode ser comparada com outros espaços luso-americanos, de economias periféricas e não exportadoras.

Segundo Marcílio (1986), uma sociedade composta por pescadores e pequenos agricultores como em São Paulo, especialmente a zona de Ubatuba, na segunda metade do século XVIII e princípio do século XIX, a prática de abandonar recém-nascidos quase não existia, pois o índice correspondia apenas a 0,6%. Para Sheila de Castro Faria (1998), em outros lugares onde não havia uma economia exportação, como Guaratiba; Irajá; Jacarepaguá e Inhaúma, no Rio de Janeiro, o número relativo de abandonos de recém-nascidos era de 3,3%, tão baixo quanto o da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação.

O historiador norte rio-grandense Macedo (2002) nos possibilita saber qual foi o índice arrolado de crianças abandonadas na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó, localizada no sertão da Capitania do Rio Grande do Norte, no final do século XVIII e início do século XIX, que foi em torno de 5,6%. O índice de abandono por ele identificado, é apenas um pouco maior ao da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação. Por outro lado, ainda corresponde a um número relacionado a uma economia que também não era de exportação, e ao que se considera que essa área da capitania fornecia gado para Pernambuco.

Salienta-se que em outros espaços da colônia esse pequeno índice de abandono foi reproduzido. Venâncio (2002), investigando uma comunidade de Minas Gerais, conhecida como Catas Altas, a qual teve a economia no século XVIII fundamentada na agricultura de subsistência, constatou que o número relativo de expostos identificados não foi significativo, apenas ficando na ordem de 2,4%. Por sua vez, Mello e Souza (1999), estudiosa do passado colonial mineiro, também detectou índices bastante baixos em algumas comunidades com relação à prática de enjeitar os filhos. A título de exemplos, temos os casos das localidades: Cachoeira do Brumado (MG); São José do Raposo e Crasto de Cima (MG); em todas elas foi registrado um índice de, apenas, 0,2% de expostos.

Assim sendo, podemos perceber que o número baixo de crianças recém-nascidas abandonadas quando comparado aos centros urbanos da América Portuguesa, portanto, não era algo exclusivo da Freguesia de Nossa



Senhora da Apresentação, situada no norte da colônia. Portanto, não podemos deixar de destacar que a pesquisa em um conjunto documental composto por mil duzentos e trinta Assentos de óbitos, nos possibilitou identificar em números absolutos 38 (trinta e oito) expostos, dos quais, apenas, seis têm referência nos Assentos de Batismo. Provavelmente, os demais 32 (trinta e dois) enjeitados tiveram seus registros de batismo destruídos pelo tempo, esta é nossa hipótese.

Com maior evidência, os 32 (trinta e dois) expostos presentes nos Assentos de Óbitos não foram contabilizados para obtenção do índice de abandono na freguesia.

Tabela 2 – Batismo de expostos e de crianças livres

Período	Batizados	Expostos	
		Número absoluto	Número relativo
1753–1757	351	8	2,2%
1760–1766	353	27	7,6%
1768–1777	717	33	4,6%
1786–1795	679	14	2,0%

Fonte – Assentos de Batismo (1753-1795)

A tabela 2 nos permite visualizar a segunda metade do século XVIII, dividida em quatro momentos marcados. Nela, podemos ver o número de batizados que foram realizados em cada período, e que de uma maneira geral, os números são praticamente equânimes. O mais urgente é saber que entre esses catecúmenos poucos eram expostos e, sobretudo, que eles estiveram presentes em todo período investigado, confirmando o ato de abandonar crianças recém-nascidas na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação foi constante.

A tabela 3, elaborada a partir de dados do período de 1760 – 1766, é justificadas por ter sido o momento em que houve o maior número de abandonos em percentual. Relativamente longa, a tabela serve para ratificar a constante freqüência de recém-nascidos abandonados no espaço da

Freguesia. Nela podemos verificar os nomes dos enjeitados, além da data do abandono e do batismo, salvo alguns casos.

Tabela 3 – Frequência de expostos

Nome dos expostos	Data do abandono	Data do batismo
Josefa	–	12/08/1760
Lauteria	–	26/09/1760
Tereza	–	04/05/1761
Anna	08/11/1761	27/11/1761
Maria	–	14/12/1761
Balehios	05/10/1762	07/10/1762
Francisco	24/11/1762	30/11/1762
Josê (sic)	15/09/1763	–
Maria	23/11/1763	05/12/1763
Lino	–	18/12/1763
Lina	13/04/1764	24/04/1764
Manuel	02/10/1764	14/10/1764
Margarida	–	16/05/1765
Lucas	24/05/1765	21/06/1765
Antonio	22/08/1765	12/09/1765
Francisco	28/08/1765	09/09/1765
Cosme	9/09/1765	20/10/1765
Manuel	–	16/11/1765
Luiza	–	24/11/1765
Manuel	05/12/1765	08/12/1765
Bernada	–	26/01/1766



Nome dos expostos	Data do abandono	Data do batismo
Inofre	15/04/1766	29/04/1766
João	20/05/1766	26/05/1766
Manuel	01/08/1766	08/08/1766
Maria	–	10/08/1766
Antonio	–	24/08/1766
Miguel	12/09/1766	–

Fonte – Assentos de Batismo (1753–1795)

Analisando a tabela, verificamos que os genitores, ou mais especificamente as mães, tinham a prática de abandonar constantemente seus rebentos. Havia intervalos relativamente longos, e outros bem curtos. Um exemplo bem claro de relativa constância de abandono de crianças na freguesia foi o caso do exposto Balehios, deixado em algum lugar da Freguesia, na data de 5 de outubro de 1762. Quarenta e nove dias, após o abandono desse pequenino, outro recém-nascido é abandonado na data de 24 de novembro de 1762, recebendo o nome de Francisco.

É com frequência, que esses casos se repetem na Freguesia. Na data de 22 de agosto de 1765, o Tenente Coronel Felis Barbosa Tinoco encontrou por volta das três para as quatro horas da manhã um exposto, sendo que o próprio militar e sua esposa apadrinharam-no, pondo-lhe o nome de Antonio. Chama-nos atenção para a proximidade do abandono de Francisco, deixado na casa de Cosme Ferreyra, em 28 de agosto de 1765, mas encontrado pelo próprio dono do domicílio às três horas da manhã. Observa-se que o intervalo foi de apenas 6 dias de um abandono para o outro.

O problema da inexistência de algumas datas de abandono e de batismo é consequência da elaboração incompleta dos documentos eclesiais. As casas de colonos foram o destino de 100% dos expostos identificados na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, isso demonstra uma certa preocupação dos pais com seus filhos enjeitados.

Evidentemente, que a preocupação estava diretamente relacionada ao local onde todos os recém-nascidos da segunda metade do século XVIII

foram abandonados na Freguesia. O índice deixa evidente o cuidado das mães em abandonar as crianças em domicílios. Em nenhum momento, os caminhos, as Igrejas, os logradouros, as capelas ou mesmo o Senado da Câmara foram lugares elegidos para se deixar os pequeninos, possivelmente por haver uma probabilidade muito maior de morrerem de fome, frio ou atacados por animais, como assim ocorria nos grandes centros urbanos.

A forma com que os pais abandonaram regularmente seus filhos na Freguesia, somente confirma a hipótese de Marcílio: “[...] vendo o fenômeno abandono de crianças na perspectiva histórica ampla, abrangente, podemos afirmar, sem incorrer em grandes erros, que a maioria das crianças que os pais abandonaram não foram assistidas por instituições especializadas. Elas foram acolhidas por famílias substitutas”. (MARCILIO, 2001, p. 55).

Por sua vez a tabela 4 permite acompanhar os mais variados tipos de domicílios onde os expostos da freguesia foram deixados. As casas chefiadas por homens foram a grande escolha daqueles que abandonaram um recém-nascido. Tal predileção correspondeu a 69,3% dos domicílios que receberam enjeitados. Ressalta-se que essa porcentagem estava dividida em três categorias: os domicílios de pessoas que eram aparentemente apenas colonos, correspondia a 54,8% dos abandonados; os domicílios de escravos, 2,4% e os domicílios de militares, tiveram “deixados em suas portas”, 12,1% dos enjeitados.

Os domicílios chefiados por mulheres receberam 28% dos enjeitados, a considerar que o conjunto de colonas que viviam na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação eram geralmente mulheres solteiras ou declaradas viúvas, algumas delas proprietárias de escravos. Enquanto, com relação a 2,4% não foi possível identificar os locais de abandono.

Inquestionavelmente, tanto nos Assentos de Batismo quanto nos Assentos de Óbito não revelaram a existência de recém-nascidos abandonados na casa de sacerdotes. Porém, assim como a tabela 4, tal qual as demais foram construídas e analisadas baseadas nos dados retirados dos Assentos de Batismo, não foi contabilizada a existência de um recém-nascido deixado na porta da casa do Provedor da Fazenda Real, o senhor Antonio Carneiro de Albuquerque, já que o pequeno abandonado foi identificado nos Assentos de Óbito do ano de 1798.



Tabela 4 – Domicílios onde surgiram expostos, 1753-1795

Domicílios	Expostos	
	Número absoluto	Número relativo
Colonos	45	54,8%
Colonas	23	28%
Escravos	2	2,4%
Militares	10	12,1%
Sacerdotes	–	–
Funcionários Reais	–	–
Domicílio não identificado	2	2,4%

Fonte – Assentos de Batismo (1753-1795)

A possível forma das casas de colonos com famílias constituídas para se abandonar crianças, representava uma tentativa de oferecer ao filho enjeitado uma melhor sobrevivência num ambiente aparentemente estável. Especificidades, também, foram identificadas nos locais de abandono como: colocar a criança numa casa de um colono solteiro. Será que o exposto era filho dele? Não sabemos e tampouco descartamos essa possibilidade. Entretanto, o que especulamos é o tipo de trato que teve uma criança enjeitada em uma casa onde não havia uma mulher com a mínima experiência na criação de filhos. Também não descartamos a hipótese do dito colono haver entregado o enjeitado para uma família com maior potencial de criá-lo. Uma outra especificidade foram dois enjeitados na casa de escravos. Qual seria a intenção dos pais que abandonavam seus rebentos na porta de cativos? Já que os escravos eram criaturas com pouca ou nenhuma estabilidade e personalidade jurídica. (MATTOSO, 1990).

Pode-se verificar o caso do preto Joaquim que, no ano de 1763, era escravo de Joaquim de Moraz, morador no Arraial de Ferreiro Torto. Por volta da meia noite, da quarta para quinta-feira, do dia 14 ou 15 de setembro de 1763, o preto Joaquim encontrou na porta de sua casa uma criança que não portava nenhum bilhete. Sucede que o pequeno exposto foi batizado

subcondição. O ato de batizar um exposto subcondição, estava diretamente relacionado à dúvida de quem recebia o rebento. Como havia enjeitados que traziam consigo bilhetes que informavam se a criança tinha recebido o primeiro sacramento ou não, e para garantir a salvação da alma do pequeno desvalido, se realizava um batismo por precaução. (MARCILIO, 2001). Acredita-se que o exposto tenha sido recolhido pelo dito escravo, já que ele conduziu a criança até a Igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação, tornado padrinho do exposto junto com sua mulher Feliciano, que, à época, era uma preta forra. (ASSENTO DE BATISMO, 1763).

Para o historiador Jacques Gélis (1991), o batismo foi considerado um rito de socialização da criança. Assim sendo, na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, esse rito de socialização também concedido aos expostos ocorreu como em outros espaços da colônia, em Igrejas, capelas e em domicílios.

Tabela 5 – Locais onde foram realizados os batismos de expostos

Locais	Expostos	
	Número absoluto	Número relativo
Igreja Matriz	25	30,4%
Capelas	50	60,9%
Domicílios	2	2,4%
Local não identificado	5	6%

Fonte – Assentos de Batismo (1753-1795)

Na tabela 5, tem-se uma distribuição dos lugares de batismo dos pequenos enjeitados na freguesia. Por esse mapeamento, podemos conjecturar que a maioria dos domicílios receptores da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação estavam localizados no espaço rural, pois 60,9% dos expostos foram batizados em capelas.

Diante desse quadro, podemos comparar essa Freguesia com a da região de Sorocaba (SP), onde 80% dos domicílios receptores estavam localizados no espaço rural; e, apenas, 20%, na área urbana. Segundo Bacellar



(2002, p.24) “[...] nenhum autor brasileiro jamais sugeriu, de modo explícito, que a exposição [de crianças] seria um fenômeno passível de ocorrer em tal grandeza no meio rural [...].”

Isso demonstra que na Freguesia na segunda metade do século XVIII, foram batizados em torno de dois mil e cem recém-nascidos. A tabela 6 confirma a discussão anterior, pois 1084 crianças receberam o primeiro sacramento em capelas, o que mostra onde estava localizada a maior parte da população da Freguesia. As palavras de Cascudo são extremamente relevantes para compreendermos a primazia das capelas na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação.

[...] era afirmação de fé e denunciava o desenvolvimento econômico local, a densidade demográfica em ritmo crescente, o número apreciável de almas em ‘estado de comunhão’, uma certa massa residencial fixando cristãos, vivendo em tarefas regulares, em condição de receber os sacramentos, matrimônio para os moços, batizado para as crianças, extremaunção para os velhos. *A Capela declarava a presença da vida social organizada sobre bases estáveis, concordância do esforço com a produção asseguradora da existência familiar, o grupo vicial capaz de prestar mútua proteção e auxílio, sistema de caminhos articulando as propriedades esparsas ao centro mais povoado, facilitando trânsito e escoamento das safras, costumes cristãos, unificadores e solitários com a figura simples da Capelinha, pastoreando o rebanho imóvel, reunido à voz lenta do pequenino sino emocional.* (CASCUDO, 1992, p. 10-11, grifo nosso).

Pela tabela 6, constatamos que os recém-nascidos eram batizados em domicílio, e, ainda, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, templo “restrito” para os cativos. Vale lembrar que apenas 0,09% do total foi batizado nesse templo.

Do total dos Assentos de Batismo 2100 (dois mil e cem), 37 (trinta e sete) foram em domicílios que corresponderam a 1,7%, e 2, apenas, foram realizados na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Supomos que os batizados que ocorreram na Igreja, foram por mera devoção ou mesmo por regularidade sacramental. Geralmente, nos primeiros oito dias pós-parto, a criança deveria ser levada à presença de um sacerdote para receber os Santos Óleos, pois, “[...] acreditava-se que os inocentes que morriam, logo depois do batismo, iam logo para o céu.” (DEL PRIORE, 2001, p. 34).

Acreditamos, pois, que tais batizados ocorridos em domicílio e na Igreja de Nossa Senhora do Rosário podem estar diretamente relacionados a essa prática cultural.

Tabela 6 – Espaço onde batizaram as demais crianças livres

Espaços	Batizados	
	Número absoluto	Número relativo
Igreja matriz	787	37,4%
Igreja de N ^a Sr ^a do Rosário	2	0,09%
Igreja de Santo Antônio	82	3,9%
Capelas	1084	51,6%
Domicílios	37	1,7%
Local não identificado	102	4,8%

Fonte – Assentos de Batismo (1753-1795)

192

Nesta última tabela, aparece a repartição por sexo dos expostos da Freguesia, no período de 1753-1795, onde os meninos eram mais abandonados que as meninas. Para Mello e Souza (1999, p. 51), o fato pode ser exemplificado por “[...] refluxo da flutuação natural que sempre corre no tocante a uma distribuição de nascimentos entre os sexos, acabando, ao fim e ao cabo, por se auto-regular.”

Esclarece-se que a razão do sexo corresponde à porcentagem de meninos sobre meninas. Em alguns lugares da América Portuguesa, estudos de caso identificaram tendências a um equilíbrio nos abandonos, tal como na Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, por exemplo, na Paróquia da Sé de São Paulo (1763–1770), e na jurisdição da Santo Amaro (1760–1810). Em um estudo feito na lista nominativa para a cidade de São Paulo, encontrou um total de 85 expostos, sendo 44 meninos e 41 meninas. (MARCÍLIO, 2001).

**Tabela 7 – Repartição por sexo dos expostos**

Períodos	Expostos	Masculinos	Femininos	Razão de sexo
1753–1757	8	5	3	62,5%
1760–1766	27	16	11	59,2%
1768–1777	33	19	14	57,5%
1786–1795	14	9	4	64,2%

Fonte – Assentos de Batismo (1753-1795)

Na vila de Sorocaba (SP), a razão de sexo também se apresentou equilibrada. Bacellar (2002), no período de 1737–1845, identificou um grupo que correspondia a 531, enjeitados e 521 enjeitadas.

Em suma, recém-nascidos foram regularmente enjeitados em todos os lugares de uma comunidade composta por índios, escravos, militares, padres, mulheres solteiras, viúvas e vadios. Comunidade essa que teve seu cotidiano pontilhado de situações “atípicas”: nascimento de crianças gêmeas, documentos erradamente redigidos e rebentos que receberam como padrinhos duas pessoas do mesmo sexo.

Todavia, a amostragem das tabelas apresentadas contribuiu para construção do seguinte hipótese: a população de expostos não correspondeu a um conjunto representativo em números absolutos, sem haver acentuação dessa prática; mas uma regularidade no abandono. Todos os recém-nascidos foram abandonados em domicílios, com predileção para o abandono em domicílios comandados por homens, o que sugeria existência um grupo estável, uma família.

A maioria dos expostos foram batizados nas capelas, tal como as demais crianças nascidas na freguesia, no decorrer da segunda metade do século XVIII, houve uma auto-regulação demográfica relativa ao abandono de meninos e meninas nessa jurisdição eclesiástica.

Referências

ASSENTOS DE BATISMO. **Registro manuscritos de 1753-1795**. Natal: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

ASSENTOS DE BATISMO. **Registro manuscritos de 1763-1765**. Natal: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

ASSENTOS DE ÓBITO. **Registros manuscritos de 1760-1800**. Natal: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Abandonados nas soleiras das portas: a exposição de crianças nos domicílios de Sorocaba, Século XVIII e XIX. In: FUKUI, Lia. (Org.). **Segredos de família**. São Paulo: Editora Annablume /Menge, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Paróquias do Rio Grande do Norte**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1992.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da história**: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: Editora José Olimpio / Brasília: Editora UNB, 1993.

_____. História do cotidiano e vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

_____. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento**: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Dir.), ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (Org.). **História da vida privada**: da renascença ao século das luzes. Tradução Hildgard Seist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1992.

LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado / IHGRN, 2003.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Caiçara**: terra e população – estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. São Paulo: Paulinas, 1986.



_____. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil. 1726 – 1950. In: DE FREITAS, Marcos Cezar. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MATTOSO, Kátia de Queiros. **Ser escravo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: NOVAIS, Fernando Antonio. (Dir.), MELLO E SOUZA, Laura. (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MELLO E SOUZA, Laura de. O Senado da Câmara e as crianças expostas. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1991.

_____. **Norma conflito**: e aspectos da história de Minas no século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Vivências índias, mundo mestiço**: relação interétnicas na Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó entre o final do século XVIII e início do século XIX. 2002. (Monografia de Graduação) – Departamento de História e Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2002.

PAULA, Thiago do Nascimento Torres de. Recém-nascidos expostos: os enjeitados da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, Capitania do Rio Grande do Norte (Século XVIII). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 27, n. 13, p. 192-220, set./dez. 2006.

PRIMEIRO LIVRO DE TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO. **Registro manuscrito de 1725-1890**. Natal: Acervo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. (Transcrição realizada pela historiadora Adriana Moreira Lins de Medeiros).

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Pecuária, agricultura de alimentos e recursos naturais no Brasil – colônia. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. (Org.). **História econômica do período Colonial**. 2. ed. São Paulo: Editora Edusp/Imprensa Oficial/HUCITEC, 2002.

SCARANO, Julita. **Cotidiano e solidariedade**: vida diária da gente de cor nas Minas Gerais século XVIII. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TERMOS DE VERAÇÃO. **Registros manuscritos de 1737-1802**. Natal: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

VALDEZ, Diane. **História da infância em Goiás**: século XVIII e XIX. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Famílias abandonadas**: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Campinas: Editora Papirus, 1999.

_____. Família e abandono de crianças em uma comunidade camponesa de Minas Gerais: 1775 – 1875. **Diálogos**, Maringá, v. 4, n. 1, p. 111–123, 2000.

_____. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). BASSANEZI, Carla (Coor.). **História das mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

_____. Infância e pobreza no Rio de Janeiro 1750 – 1808. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 19, n. 32, p. 129–159, 2002a.

Thiago do Nascimento Torres de Paula
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História | UFRN
Integrante da Base de Pesquisa Formação dos Espaços Coloniais
E-mail | thiagotorres2003@yahoo.com.br

Recebido 22 nov. 2007

Aceito 12 dez. 2007